

- 1 Quando eu matar esse boi (tradicional)
- 2 A lua saiu eu vou girar (tradicional)
- 3 Catarina, o bezerro quer mamar (tradicional)
- 4 Laranja lima, tira o galho do caminho (tradicional)
- 5 Na Estrada de Pirapora (tradicional)
- 6 Caracará, cadê gavião (tradicional)
- 7 Eu venho vindo lá do Cai-cai (tradicional)
- 8 A ciroula do padre caiu no chão (tradicional)
- 9 O mar encheu (tradicional)
- 10 Soltei o cachorro no mato (tradicional)
- 11 Carrera de paca (tradicional)
- 12 Por esse litro tão querido (tradicional)
- 13 A pinga que você negou (tradicional)
- 14 Subi pelo tronco (tradicional)
- 15 Nasci de sete meses (tradicional)
- 16 Cabréuva não é pau (tradicional)
- 17 Eu tenho pena, eu tenho dó (tradicional)
- 18 Embarçou, embarçou (tradicional)
- 19 Alô, Pirapora, alô Barueri (tradicional)

- 20 O melhor da galinha é o ovo (tradicional)
- 21 Dona Maria, comadre minha (tradicional)
- 22 Não bebo pinga, não bebo nada (tradicional)
- 23 Quem foi que disse (tradicional)
- 24 Alice Preta (tradicional)
- 25 A polícia tá dando ronda (tradicional)
- 26 O pau rolou, o pau caiu (tradicional)
- 27 Apareceu, apareceu (tradicional)
- 28 Mas o cozeiro vem aí (tradicional)
- 29 Ô, tatu, saia da toca (tradicional)
- 30 Zé Pereira (tradicional)



Henry Durante

GRITO DA NOITE

Fontes consultadas

Entrevista com integrantes do Grito da Noite em março de 2015

Entrevista com Márcio Risonho em 2013. ANDRADE, M. de. O samba rural paulista. In: Revista do Arquivo, n. 41. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

MANZATTI, M. Samba paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o samba de bumbo ou samba rural paulista. São Paulo: PUC, 2005 (Dissertação de mestrado)

NASCIMENTO, H. Aspectos folclóricos do carnaval de Santana de Parnaíba. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977 (Coleção Folclore, n. 8)

Idealização, pesquisa e direção de produção - Henry Durante

Gravado entre abril e maio de 2015 na Casa do Patrimônio em Santana de Parnaíba e no Estúdio 185 (São Paulo, SP) por Beto Mendonça, Janine Gentile e Rodrigo Carraro

Edição, mixagem e masterização - Gustavo do Valle, Beto Mendonça e Henry Durante

Designer gráfico - Adriana Sales (Lazz Design)

Fotos - Acervo CEMIC, Acervo Grito da Noite, Vera Athayde, Débora Salvador Chaves de Campos/CEMIC/PMSP; Roberto Andrade. Acervo: SECOM/PMSP; Márcio Koch. Acervo: SECOM/PMSP e Henry Durante

Músicos participantes

Acari Moreira Martins Filho - Caixa e voz
 Leandro Daher Crudo - Zabumba e voz
 Francisco Miguel Neto - Zabumba e voz
 Leonel Chaves de Campos - Zabumba e voz
 João Mário Machado - Zabumba e voz
 Aristides Benedito Lustosa - Bumbo e voz
 Abel dos Santos - Bumbo e voz
 Márcio Nunes Risonho - Caixa e voz
 André Luis Mendes - Chocalho
 Fabio Doik Santana - Chocalho
 Igor dos Reis Lustosa - Chocalho
 Ney Mauro Viena - Chocalho
 Nicolas Ildelfonso Neris - Chocalho
 Adberto Moreira Martins - Voz
 Eli "Cabrito" da Silva - Voz

Coro

Ana Carolina Nascimento, Laura Ghellere, Ligia Fernandes, Lucas Laganaro, Luiz Fonseca, Marina Macedo, Mario Frugieue, Renato Dias, Ronaldo Nicacio da Costa, Rosângela Macedo

Agradecimentos

Prefeitura do Município de Santana de Parnaíba
 Casa do Patrimônio
 Grupo Sambaqui
 Kolombolo diá Piratininga
 Núcleo de Samba Paulista Bumbo do Japi



GRITO DA NOITE



Márcio Koch



Sávio Barletta

O GRITO DA NOITE acontece na quarta e na sexta-feira que antecedem o carnaval. Era costume, no passado, a maioria dos participantes saírem mascarados pelas ruas de Santana de Parnaíba empunhando tochas e bonecões de caveiras, entre outros elementos que conferiam uma atmosfera “fúnebre” ao cortejo carnavalesco, como alegoria da antiga Procissão das Almas que ocorria na cidade no século XIX, procissão esta realizada durante a Semana Santa pela extinta Confraria das Almas e ainda viva no imaginário dos moradores da cidade por sua dramaticidade.

Talvez a memória do terror da Procissão das Almas, com seus fiéis cobertos por capuzes e lençóis empunhando velas, suas imagens de

martírio, esteja na origem do carnaval de Santana de Parnaíba, como em um processo sublimado, no qual o povo necessitasse transformar, pelo riso, impulsos que com o passar dos tempos passaram a ser vistos como condenáveis em algo possível de ser aceito.

Isto talvez nunca saberemos com certeza. Mas, como no carnaval de Santana de Parnaíba o que vale é a irreverência, por meio da qual vários personagens da cidade são homenageados ou satirizados nos sambas e nas histórias, dentre as versões correntes sobre a origem da manifestação, a mais aceita é a que conta que, durante a procissão, os moradores da cidade costumavam trancar-se em suas casas, pois não era permitido vê-la. Até que Henrique Preto, negro “filho do Ventre Livre”, nascido de uma escrava na Fazenda Jaguari, resolveu desafiar essa interdição e olhar a passagem do cortejo. Tendo, nesse momento, um dos fiéis lhe entregue uma vela para que guardasse até o dia seguinte da procissão, qual não foi sua surpresa quando, no prazo marcado, bate à sua porta a pessoa - que viera recuperar seu pertence-, mas, ao ir buscar a vela, esta havia se transformado em um fêmur, ao passo que seu dono desaparecera.



Márcio Koch

Assustado, Henrique Preto teria saído à rua aos gritos, batendo seu bumbo até a porta do cemitério, “para espantar as almas”, no que passou a ser irreverentemente imitado por seus amigos, que passaram a ser vestir de fantasma e tocar bumbo até a porta do cemitério, a fim de satirizá-lo, dando origem, assim, à brincadeira chamada Noite dos Fantasmas.

Desde então, todos os anos durante o carnaval, ao som dos instrumentos bumbo - às vezes chamado zabumba ou “Cacique”-, caixa e chocalho, os foliões, vestidos com túnicas ou usando cabeções de caveira, percorrem as ruas históricas de Santana de Parnaíba até os portões do cemitério local.

Esta é uma das muitas histórias que envolvem os nomes de Henrique Preto e outros “donos de samba” do passado e do presente, nomes como os de Isidoro, vindo de Campinas, Quirino, Nelson Moraes, e Deco. Muitas dessas histórias acabam por transformar-se nos sambas que são cantados ainda hoje ao longo do cortejo carnavalesco. Um dos sambas mais populares faz referência a uma rixa ocorrida entre Henrique Preto, cujo grupo à época chamava-se Galo Carijó e Quirino, cujo

grupo chamava-se Galo Preto. Há quem diga que dessa briga o Galo Carijó teria se saído vencedor. Daí o samba:

“Eu tenho pena, eu tenho dó
Do Galo Preto apanhar do Carijó”

Outros dizem que Henrique Preto e Quirino foram resolver suas demandas no Alto do Cruzeiro e, enquanto todos esperavam uma briga, os dois desceram do Alto tocando juntos, cada um com seu bumbo e da junção dos dois grupos surgiria o Grito da Noite e é por isso que no estandarte do Grito da Noite figura, de um lado, o Galo Preto e, de outro, o Galo Carijó.

De fato, podemos dizer que, nos dias atuais, o carnaval de Santana de Parnaíba vive um momento de grande valorização de seu carnaval tradicional. Vários grupos, antigos e novos, revezam-se nos dias de carnaval desfilando pelas ruas da cidade com seus bumbos, caixas e chocalhos e todos os foliões assumidamente se dizem herdeiros do Grito da Noite e esperam com ansiedade a noite de vestir a túnica vermelha para celebrar mais um ano o carnaval e as histórias da cidade.

Henry Durante